

A FORMAÇÃO DO SIGNIFICADO EM VERBOS COGNATOS EM PORTUGUÊS E ESPANHOL: UM ESTUDO GERATIVO-CONSTRUCIONISTA

THE FORMATION OF THE MEANING IN COGNATE VERBS IN PORTUGUESE AND SPANISH: A GENERATIVE-CONSTRUCTIONIST STUDY

Rafaela do Nascimento Melo Aquino¹

Isabella Lopes Pederneira²

Miriam Lemle (*in memoriam*)³

RESUMO

Examinando o comportamento sintático e semântico de palavras cognatas em português brasileiro e espanhol, pretendemos contribuir para a compreensão da divisão de tarefas dos submódulos da gramática na interface entre a sintaxe e a semântica. O trabalho considera os modelos construcionistas de gramática da Morfologia Distribuída e Exoesqueletal. A pergunta em pauta é: o que há de constante e o que há de variável nas leituras semânticas dos contextos sintáticos de verbos cognatos nestas duas línguas aparentadas. Selecionamos os pares de verbos *mexer/mecer*, *bater/batir*, *chegar/llegar* para serem examinados em contextos sintáticos bem delimitados. O levantamento comparativo das coincidências e dissidências sintáticas e semânticas entre os verbos nas duas línguas é o conjunto de dados utilizado para esclarecer a natureza da interface sintático-semântica. Neste corpus, houve uma ampla gama de contextos sintáticos aproveitados em todos os verbos, exceto o intransitivo de *mecer* em espanhol e o transitivo de *chegar/llegar* em ambas as línguas. Ao fim desse levantamento, ficou constatado que os contextos sintáticos são compartilhados, porém, no aproveitamento semântico, as línguas se diferenciam, resultados que convergem para os modelos construcionistas de Gramática Gerativa.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura argumental. Composicionalidade. Teoria Gerativa. Interface sintaxe-semântica. Propostas construcionistas.

ABSTRACT

By examining the syntactic and semantic behavior of cognate words in Brazilian Portuguese and Spanish, we intend to contribute to the understanding of the division of tasks of grammar submodules at the interface between semantics and syntax. The work is guided by the constructionist theories of Distributed Morphology and the Exoskeletal Model. The question at hand is what is constant and what is variable in semantic readings of syntactic contexts of homophonous verbs in these two related languages. We have selected the pairs of *mexer/mecer* (wiggle), *bater/batir* (beat), and *chegar/llegar*

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Contato: litteramelo@gmail.com.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Departamento de Letras Vernáculas. isabellapederneira@letras.ufrj.br.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Professora Emérita da UFRJ.

(come) verbs to be examined in well-defined syntactic contexts. The comparative survey of syntactic and semantic coincidences and dissidences between verbs in both languages is the data set used to clarify the nature of the syntactic-semantic interface. In this corpus, there was a wide range of syntactic contexts used in all verbs except the intransitive of *mecer* in Spanish and the transitive of *chegar/llegar* in both languages. At the end of this survey, it was found that syntactic contexts are shared, but in semantic uses languages differ, results that converge to the constructionist models of Generative Grammar.

KEYWORDS: Argument structure. Compositionality. Syntax-semantics interface. Generative Theory. Construcionist approaches

Introdução

As abordagens construcionistas da gramática, Morfologia Distribuída (EMBICK & NOYER, 2012; HALLE & MARANTZ, 1992, 1993; HARLEY & NOYER, 1999) e Exoesqueletal (BORER, 1996, 2005a, b, 2013a, b), nos induziram a estudar o fenômeno da polissemia em verbos cognatos em línguas aparentadas, dada a arquitetura de gramática. A provocação se deve ao fato de que essas abordagens colocam grande peso na formação de significado a partir da sintaxe pura, que, por sua vez, é construída por configurações compostas de átomos funcionais e não de itens lexicais, que comportariam a noção de palavra.

Este é um modo que diverge da gramática gerativa clássica para tratar de fenômenos morfológicos, porque define que a sintaxe é o componente da gramática responsável pela geração de sentenças e também pela geração de sintagmas e palavras. Neste sentido, o significado de palavras, mais especificamente, verbos, é formado a partir da derivação morfossintática desses itens na estrutura argumental que, posteriormente, serão enviados para a interface conceptual para a interpretação de significados. Por exemplo, as configurações possíveis na Gramática Universal (GU) para a estrutura argumental de um verbo são formadas por peças funcionais atômicas abstratas que no decorrer da derivação sintática são selecionadas (*numeration*) e concatenadas (*merge*). Após cada fase da derivação sintática, a estrutura formada é enviada para *Spell-out* e é preenchida com itens de vocabulário providos de traços fonológicos. Além disso, a Enciclopédia fornece significados aos itens formados.

No que diz respeito à contribuição semântica da raiz do verbo, as abordagens construcionistas não apresentam unanimidade quanto ao equilíbrio entre o papel da raiz e o da configuração sintática na formação do significado final das palavras complexas, sintagmas e

sentenças (HARLEY, 2014). Na MD, em suas propostas iniciais (HALLE; MARANTZ, 1993, 1994; MARANTZ, 1995), assume que as raízes não apresentam traços sintáticos, mas são compostas de informações semânticas ou referenciais e possivelmente morfológicas. É assumido também que, assim como os morfemas funcionais, as raízes recebem informação fonológica tardiamente, no momento de inserção de vocabulário, denominado de *Spell-out*. Ou seja, assume-se uma inserção tardia para as raízes. Porém, em propostas mais recentes (EMBICK, 2000; EMBICK; HALLE, 2005; EMBICK; NOYER, 2007), há a defesa da proposta de inserção prévia das raízes (*early root insertion*). Nessa proposta, apenas os morfemas funcionais recebem expressão fonológica tardiamente. As raízes, por sua vez, são sequências de complexos de traços fonológicos e, em alguns casos, contêm traços diacríticos não fonológicos. Assume-se também que as raízes não contenham traços gramaticais (sintáticos-semânticos) e sejam inseridas no início da derivação.

Na teoria Exoesqueletal (BORER, 2005a, 2005b, 2013b), por sua vez, a raiz é um índice fonológico puro, sem conteúdo semântico, selecionado no decorrer da derivação sintática. Nesse sentido, a raiz é entendida como uma referência constante entre todas as ocorrências possíveis de um pacote específico de informação fonológica, como por exemplo, a referência $\sqrt{\text{CORR}}$ - nas palavras *correr*, *correria*, *correnteza* etc.

No que diz respeito à relação entre a estrutura sintática e o significado das palavras, uma teoria construcionista como a de Borer (2005a, 2005b, 2013) prevê que a leitura semântica da unidade sintática depende em grande parte do contexto sintático mínimo e não do conteúdo semântico da raiz. Assim sendo, o verbo *comer*, por exemplo, na sentença transitiva *João comeu uma banana*, em que o evento expressa uma atividade e é télico, significará *ingerir um alimento sólido*. Porém, na sentença intransitiva *Essa mentira ninguém come*, em que o evento é télico, *comer* significará *acreditar em algo*. A possibilidade de explicar a formação de significado das palavras a partir de sua formação sintática nos motiva a assumir a proposta construcionista da gramática gerativa como arcabouço teórico deste estudo.

O objetivo específico deste trabalho é estudar, a partir de verbos cognatos em português brasileiro e espanhol, o aspecto sintático-centrismo das propostas construcionistas de gramática gerativa, com dados empíricos na interface sintático-semântica. O trabalho será pautado pelos seguintes objetivos: (i) saber até que ponto podem variar os contextos sintáticos autorizados em cada língua para cada um dos verbos; (ii) averiguar em que medida, em português e espanhol,

a variação nos contextos sintáticos afeta de modo semelhante a variação nos significados de verbos cognatos.

Os pares de verbos cuja descrição será desenvolvida são *mexer/mecer*, *bater/batir*, *chegar/llegar* em seus diferentes contextos sintáticos. A metodologia do levantamento de dados foi de consulta aos dicionários e introspecção para o português brasileiro e de consulta aos dicionários e buscas no Google para a língua espanhola. A observação desses três pares de verbos mostrou que, em relação ao comportamento sintático, o caso predominante é que todos são inseridos em todas as estruturas sintáticas disponibilizadas pela GU (BORER, 2005b). Apenas no caso de *mexer* a regência intransitiva não se configurou no espanhol e, no caso de *chegar*, a estrutura [V DP] não existe em nenhuma dessas duas línguas. Quanto aos aproveitamentos semânticos particulares de cada um dos contextos sintáticos, as divergências entre as duas línguas se acontecem segundo certas subdivisões semânticas que cada verbo apresenta dentro desses contextos sintáticos.

O presente texto se estrutura da seguinte maneira: na Seção 1, apresentamos um breve panorama dos modelos teóricos de gramática que tomamos por base para a análise dos dados; na Seção 2, apresentamos a análise dos pares de verbos *mexer/mecer*, *bater/batir* e *chegar/llegar*; e, na Seção 3, fazemos as considerações finais.

1. Fundamentação Teórica

O modelo de gramática aqui assumido parte da hipótese de que o funcionamento do sistema computacional é norteado por três propriedades fundamentais (HARLEY; NOYER, 1999). A primeira delas, *sintaxe em toda a derivação*, diz respeito ao fato de a sintaxe estar comandando não só a formação de sentenças e sintagmas, mas também de palavras. Assumir que a sintaxe age até no nível mais profundo das sentenças, isto é, na junção de morfemas, influencia diretamente na importância dada ao módulo sintático, pois traz a ele a qualidade gerativa e o coloca na base dos outros módulos da gramática. A segunda propriedade assumida é a *Inserção Tardia*, que diz respeito ao momento da inserção de item de vocabulário, ou seja, da expressão fonológica de um nó funcional. O item de vocabulário é inserido após a construção do esqueleto sintático, em um processo chamado de *Spell-out fonológico*. Este é um dos principais pontos em que as propostas lexicalista e a MD divergem, ou seja, em que lugar as informações fonológicas são inseridas no item funcional. A última propriedade assumida,

Subespecificação de Item de Vocabulário, quer dizer que o item de vocabulário a ser inserido no nó sintático não precisa ser especificado com todos os feixes de traços exigidos na derivação morfológica.

Outro aspecto inovador deste modelo em relação à teoria lexicalista é o fato de decompor o léxico em três listas: a Lista 1 contém somente traços abstratos - ainda sem forma fonológica - como, por exemplo, determinante, pessoa do discurso, número, causa, tempo, relacionador, raiz etc.; a Lista 2 é constituída por itens dotados de matéria-prima fonológica tal como /-o/e /-s/ que correspondem às noções de [MASC.] e [PL], respectivamente; e a Lista 3 apresenta os significados especiais de raízes em seus contextos sintáticos específicos. É por meio desta lista que a relação arbitrária entre som e significado se concretiza. Nesta Lista, está contido também um componente não exclusivamente linguístico a respeito do significado de uma sentença, sintagma ou palavra, como podemos ver em expressões a serem lidas de maneira regular como *cachorro* em *O cachorro da minha avó late muito* e também com leitura idiomática, como em *dar uma de cachorro magro*, em que *cachorro magro* significa *pessoa que deixa a casa que está visitando tão logo tenha se alimentado*. Observe a representação do modelo a seguir:

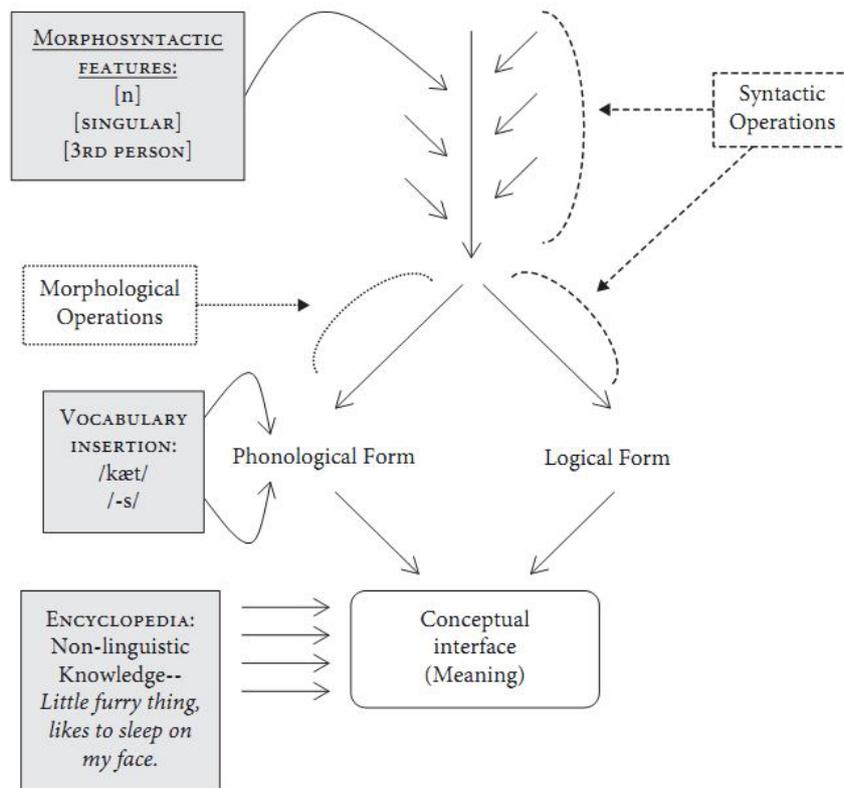


Figura 1: Modelo de gramática da Morfologia Distribuída (Siddiqi, 2009, p. 14).

No que diz respeito aos verbos, podemos notar que é comum aparecer polissemia, ou seja, mais de um significado para uma mesma forma fonológica. Considerando, por exemplo, os usos do verbo *tomar*, verificamos que ele pode significar *ingerir* na sentença *Vou tomar um copo d'água* e *modificar comportamento* em *Você precisa tomar jeito*. Neste artigo, pretendemos desenvolver a questão da idiosincrasia semântica em verbos, relacionando-a com as diferentes estruturas sintáticas. A hipótese aqui adotada para as estruturas sintáticas é de Borer (2003a, 2005a) em que os verbos são encaixados em certas estruturas sintáticas universais, chamadas de *templatos*, tais como:

Transitivo, Tético:

[_{EP} DP1 [_{TP} ~~DP1~~ [_{ASPQ} DP2 [_{VP} V]]]] (em duas horas/*por duas horas)
NOM ACC

Transitivo, Atético:

[_{EP} DP1 [_{TP} ~~DP1~~ [_{FP} DP2 [_{VP} V]]]] (*em duas horas/por duas horas)
NOM PRT

Intransitivo, Tético:

[_{EP} DP1 [_{TP} ~~DP1~~ [_{ASPQ} ~~DP1~~ [_{VP} V]]]] (em duas horas/*por duas horas)
NOM

Intransitivo, Atético:

[_{EP} DP1 [_{TP} ~~DP1~~ [_{VP} V]]]] (*em duas horas/por duas horas)
NOM

Traduzido de Borer (2003b, p. 6)

No *templato* em *a*, uma sentença como *João_{DP1} tocou Asa Branca_{DP2} em seis minutos* tem o DP₁ inserido inicialmente em posição de *Spec* de *Tense Phrase* (TP) e depois alçado para *Spec* de *Event Phrase* (EP). Já o DP₂ é inserido e permanece em posição de *Spec* de *Aspect Phrase* (ASPQ), onde recebe leitura tética. No *templato* em *b*, uma sentença como *João_{DP1} tocou Asa Branca_{DP2} por duas horas* tem o DP₁ inserido inicialmente em posição de *Spec* de TP, que então é alçado para *Spec* de EP. Já o DP₂ é inserido *Spec* de *Functional Phrase* (FP), onde recebe leitura atética.

No templatado em *c*, uma sentença como *Asa Branca* DP₁ *toca em três minutos* tem o DP₁ inserido inicialmente em *Spec* de AspP, sendo depois alçado para *Spec* de TP e *Spec* de EP. No templatado em *d*, como em *O sino da igreja* DP₁ *toca por dez minutos*, o DP₁ é inserido em *Spec* de TP e é alçado para *Spec* de EP. Os exemplos dos diferentes usos do verbo *tocar* inserido nestes diferentes templatados mostram que há uma regularidade na variedade das relações entre sintaxe e semântica.

Quanto às projeções funcionais presentes nessas estruturas, Borer (2005^a, 2005b, 2013) propõe a existência de três camadas importantes para a formação da estrutura de evento. É importante compreender que, no entendimento de Borer, a estrutura argumental é resultado das informações de quantidade, em especial telicidade, trazidas pela estrutura de evento. Dessa maneira, a autora postula que a camada Asp_Q é responsável por atribuir telicidade ao evento. Em sentenças transitivas, nessa camada, o DP em posição de *Spec* será o argumento interno da estrutura e delimitará o evento, de modo que todo evento télico transitivo deverá ter essa camada projetada (cf. estrutura *a* e *c*). A camada FP (ou F^{SHL}), por sua vez, é responsável pela atelicidade em sentenças transitivas. Já a camada EP tem como função introduzir o evento a ser denotado pelo verbo.

Em relação ao ponto sintático para a arbitrariedade saussuriana, há divergência entre as propostas da MD e da teoria Exoesqueletal. Marantz (2001), por exemplo, limita a negociação do significado à concatenação da raiz com o primeiro morfema categorizador. Porém, esta fronteira na interface sintaxe-semântica da MD resulta em proporção maior de itens lexicais. Marantz (2013), no entanto, revisita essa proposta e postula que a negociação de significado ocorra no primeiro núcleo de fase (*n*, *v*, *a*) realizado fonologicamente (ou seja, enviado para *Spell-out*). Desse modo, algumas palavras complexas passam a poder receber novos significados com esse ajuste aos pressupostos da MD.

Porém, Borer (2013^a, p. 84), na teoria Exoesqueletal, postula que as estruturas geradas pelo sistema computacional, após serem enviadas para *Spell-out*, passam por um mecanismo de busca enciclopédica. Esse mecanismo é responsável por associar a estrutura a um conteúdo conceitual alocado na *Enciclopédia*. Dessa maneira, estruturas complexas poderão receber novos significados em camadas mais tardias da derivação. Quanto ao ponto sintático para a limitação dessa busca enciclopédica, Borer (2013^a, p. 85) propõe que uma projeção estendida verbal (entendida, no modelo, como um conjunto de segmentos dominado por um nó funcional verbalizador (e.g. AspP ou T)) pode embarreirar esse mecanismo e, então, a partir dessa

projeção, a busca não poderá mais ocorrer e o significado da palavra será sempre composicional.

Para maior esclarecimento dessa restrição de localidade, observe a palavra *reactionary*, da língua inglesa. Essa palavra é formada por três camadas (e.g. [N [N[V react] tion] ary]), no entanto, a camada preenchida pelo verbo não é uma projeção estendida verbal, mas uma raiz equivalente a V, por ser complemento de um funtor nominalizador do tipo $C_{N[V]}$ que torna seu complemento equivalente a um verbo. Deste modo, é possível que o conteúdo REACTIONARY recaia na camada nominal mais alta da estrutura, tomando a palavra por completo. Aquino *et al.* (2018) demonstram essa restrição em português com o nome deverbal *plantação*. Esse nome apresenta em sua estrutura sintática uma projeção estendida verbal quando denota evento, como exemplificado na sentença *A plantação de árvores pelas crianças*. Mas, quando denota *lugar*, em uma sentença como *O fogo consumiu toda a plantação*, por exemplo, não há essa projeção, possibilitando a mudança de leitura. É importante compreender que, neste modelo, a inserção de conteúdo novo tem caráter cíclico, ou seja, pode ocorrer em cada camada da estrutura enviada para *Spell-out*, embora essa inserção não seja obrigatória.

Ao explorar este tema acabamos por descobrir que a teoria exoesquelética se mostra mais satisfatória para a descrição de correspondências semânticas idiossincráticas entre palavras de classes gramaticais diferentes que compartilham a mesma raiz. Por exemplo, na análise da palavra *reacionário*, que significa politicamente conservador, é impossível derivar esse significado passo a passo a partir de uma regra gramatical que percorra as etapas *agir*, *reagir*, *reação* e *reacionário*. Esse significado precisará ser atribuído à última etapa morfológica do adjetivo [[[re[agir]_v]cion]_nário]_{adj}. Para compor o verbo *amarelar* com o significado *acovardar-se* precisamos da estrutura [[amarel]_a ar]_v, mais uma vez sem relação semântica com a cor denotada pelo adjetivo *amarelo*. Na nossa comparação entre verbos cognatos em português e espanhol estamos observando que as mudanças semânticas podem ser imprevisíveis nas raízes quando inseridas em diferentes contextos sintáticos e até mesmo no interior de palavras.

Na próxima seção, mostraremos a análise de três pares de verbos cognatos, a saber: *mexer/mecer*, *bater/batir* e *chegar/llegar*.

2. Análise dos verbos

A tarefa de análise dos verbos será a de perscrutar os contextos sintáticos e de uso de verbos cognatos em português brasileiro e espanhol, de modo a observar os comportamentos regulares, seja do módulo sintático, seja do módulo semântico da gramática.

Partindo do pressuposto de que, na teoria Exoesqueletal, as estruturas sintáticas são templates, modelos fixos, de uma estrutura eventiva, desenvolvemos, conforme Pederneira (2015, 2016), uma proposta que relaciona este modelo ao que Folli e Harley (2004) propuseram ao fixar valores semânticos (sabores) para os *vezinhos*, utilizando esses valores da *Aktionsart* nos eventos. Os valores que utilizaremos são os que constam em Duarte *et al.* (2010).

Tabela 1: Classificação de Duarte *et al.* (2010) para formação de verbos principais (Duarte *et al.*, 2010, p. 29)

V _{CAUSE} : [+dynamic], [+ change], [+cause], [+durative], [-instant]
V _{BECOME} : [+dynamic], [+ change], [+cause], [-durative], [-instant]
V _{DO} : [+dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant]
V _{BE} : [-dynamic], [- change], [-cause], [+durative], [-instant]
V _{DO_INSTANT} : [+dynamic], [- change], [-cause], [-durative], [+instant]

A seleção do sujeito será determinada por uma das três peças possíveis: Voz (para sujeito agente), Experienciador ou Causa. Sendo o verbo um predicado complexo de um evento que exige um VP quantificado, este VP quantificado exigirá um agente, um experienciador ou uma causa para tornar-se um evento e, conseqüentemente, ter seu significado completo atribuído.

Para além desses itens na estrutura, postulam-se as projeções AspQ e F^{shl} que são peças, em algumas línguas do mundo, fonologicamente realizadas, e que Borer (2005b) utiliza para, através delas, apontar os aspectos télico ou atélico do complemento do VP. Para saber se o complemento é télico ou atélico, Borer utiliza o teste da preposição *in* (em) ou *for* (por), que podem ser aplicados no português ou qualquer outra língua do mundo, naturalmente. A estrutura com a projeção F^{shl} determina que a contribuição do complemento do VP tenha um aspecto atélico, enquanto a projeção AspQ determina que a contribuição do complemento do

VP tenha um aspecto télico. Esta é a diferença que a literatura desenvolve com os nomes de *accomplishment* e *achievement*.

Analisaremos, devido aos limites práticos de um artigo, três verbos, tendo em vista o caráter generalista previsto em Gramática Gerativa.

2.1 O par de verbos *mexer/mecer*

Para este par de verbos, apenas em português foi encontrado um uso de *mexer* no contexto intransitivo. A língua espanhola não utiliza o verbo *mecer* neste contexto. Observe as sentenças a seguir, (1a) em português e (1b) em espanhol.

- (1) a. O cursor do mouse não **mexe** - português
b. *El puntero del mouse no se **mueve*** - espanhol

Outro contexto sintático em que esse verbo é aproveitado é o transitivo. Essa estrutura tem na língua portuguesa uma extensão maior do que a espanhola com o verbo *mexer*. Veja os exemplos.

- (2) a. Ela **mexeu** a mão
b. *Ella **movió** la mano*
- (3) a. O cachorro **mexeu** o rabo
b. *El perro **movió** la cola*
- (4) a. Ela **mexeu** a sopa
b. *Ella **mezcló** la sopa*
- (5) a. O vento **mexeu** o cabelo dela
b. *El viento **meció** su pelo*
- (6) a. As chamas estão se **mexendo**
b. *Las llamas se están **meciendo***

Nas sentenças de (2) a (4), o evento expressa uma atividade e é atélico. Essa natureza aspectual do evento pode ser explicitada pelo teste com a expressão adverbial *por X tempo*: *Ela mexeu a mão por dois minutos*. Nesse sentido, a camada aspectual F^{shl} é projetada, pois se trata de uma sentença transitiva. Em relação ao tipo de sujeito, essas sentenças apresentam sujeito

agente, gerado no *Spec* de *VoiceP*. Na sentença 6, o evento é atético e expressa uma causa. Desse modo, o sujeito é causador e é gerado em *Spec* de *CauseP*. Já em (6), o evento expressa uma atividade, e o sujeito é um experienciador, gerado em *Spec* de *ExpP*. Observe as estruturas das sentenças nas representações arbóreas a seguir:

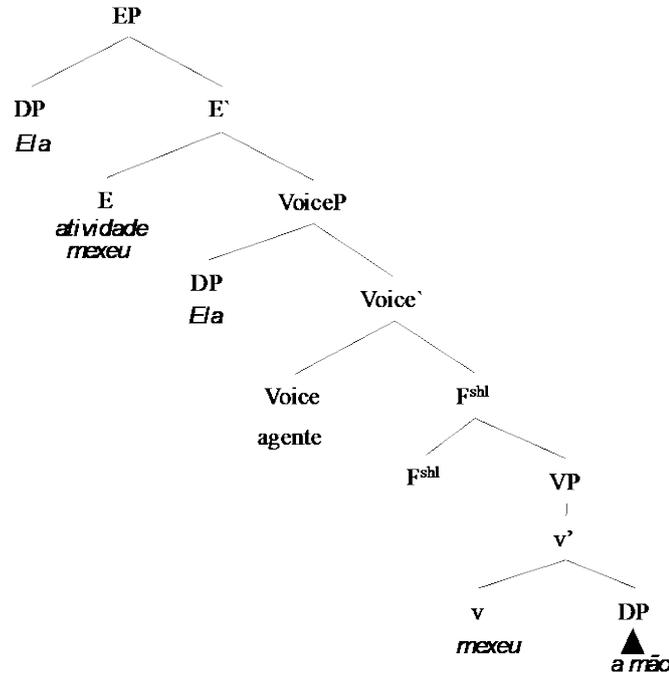


Figura 2: Estrutura transitiva atética de *mexer*

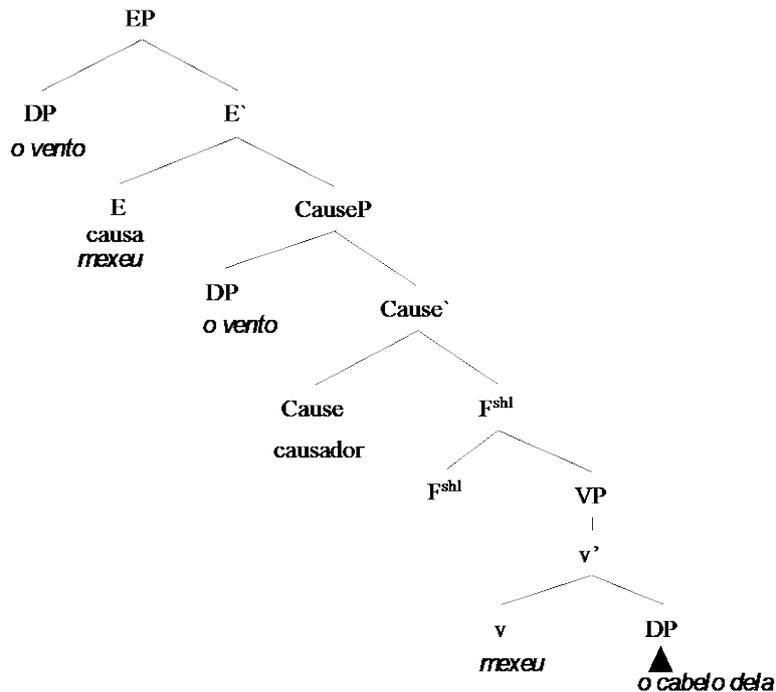


Figura 3: Estrutura transitiva/causa atética de *mexer*

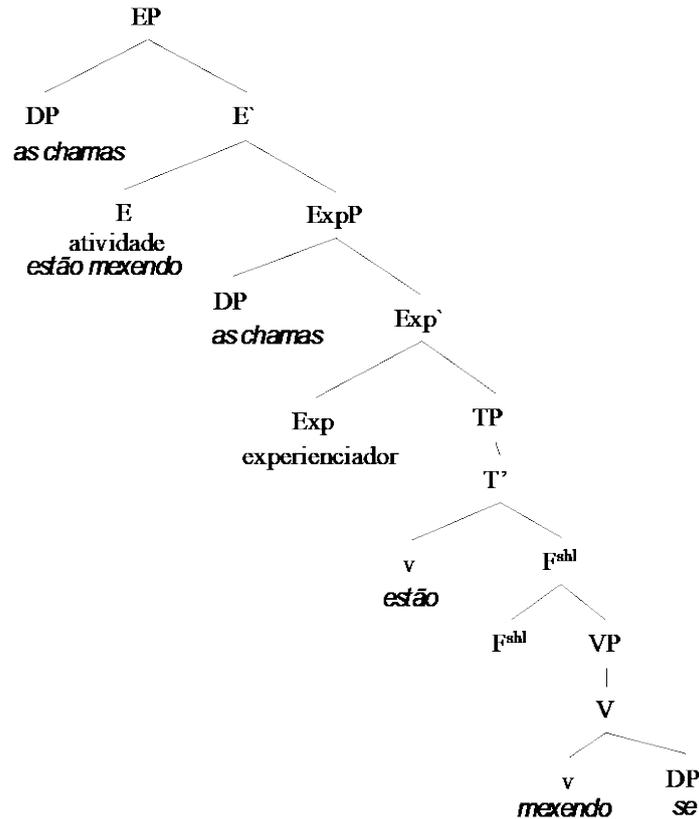


Figura 4: Estrutura transitiva/reflexiva atélica de *mexer*

Nesses contextos, vemos grande diferença entre as duas línguas. Em português, a posição de objeto direto do sintagma verbal pode ser preenchida por itens que permitam ser movimentados, como mão, rabo, cabelo e, no âmbito culinário, sopa. Nos casos de mão, rabo e cabelo, o verbo *mexer* denota *movimentar*, enquanto no caso de sopa, o verbo *mexer* denota movimento com o intuito de misturar. É interessante observar que a leitura de *misturar*, neste caso, se justifica pelo fato de que o ato de *mexer* quando tem a ver com uma matéria pastosa é feito com o objetivo de obter uma mistura homogênea dos ingredientes. Ou seja, *mexer*, em português, focaliza o momento mais inicial do ato de misturar, enquanto em espanhol é o momento final que é focalizado por *mezclar*.

Das sentenças apresentadas para o uso de *mexer* em português, somente (4) tem como tradução para o espanhol o verbo *mecer*, tendo *su pelo* preenchendo a posição de objeto. Neste uso de *mecer* em espanhol, o verbo significa *balançar*. Este verbo, tanto em português quanto em espanhol, também é usado em uma estrutura reflexiva, como em (6). Nesta estrutura, o verbo descreve o *movimento feito pelo sujeito da sentença* que neste caso é *as chamas*.

Outra estrutura em que o verbo *mexer* é aproveitado é a com complemento preposicionado: [DP [V PP]_{VP}]. Esta estrutura é usada em ambas as línguas, ainda que o aproveitamento semântico de cada língua seja distinto. Por exemplo, em português, em (7), (8) e (9), o verbo denota respectivamente *provocar*, *arrumar* e *tocar*.

- (7) a. Eles **mexem** com todas as pessoas
 b. Ellos se **meten** con todas las personas

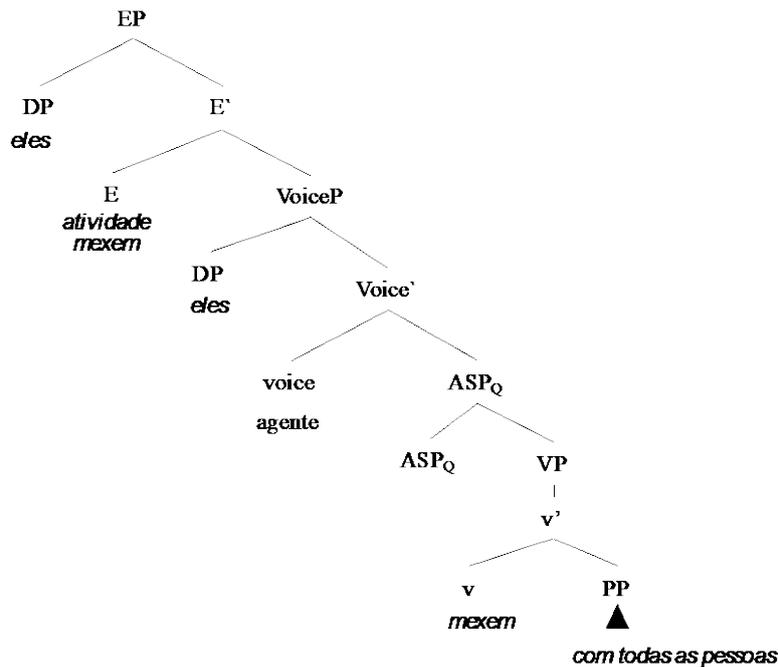


Figura 5: Estrutura com complemento PP télica de *mexer*

- (8) a. Eu vou **mexer** na sala primeiro, depois vou para a cozinha
 b. Yo voy **arreglar** primero la sala, despues voy a la cocina
- (9) a. Não **mexa** nas minhas coisas
 b. *No toques mis cosas*

Nestes três casos, em espanhol não podemos aproveitar o verbo *mecer*. Porém, (10) e (11) são gramaticais, com o cognato em espanhol, tendo o verbo *mecer* os significados *balançar* e *enrolar*. Em português, estas sentenças são traduzidas respectivamente como: *A mãe balança o berço do bebê* e *Estão me enrolando*.

- (10) a. A mãe **balança** o berço do bebê
 b. La madre **mece** al niño em lacuna

- (11) a. Estão me **enrolando**
b. *Me andan **meciendo***

Os dados de (7) a (11) mostram que a língua portuguesa tem uma distribuição sintática maior para o verbo *mexer* do que a língua espanhola para o verbo *mecer*. Enquanto em português, há um maior aproveitamento das possibilidades sintáticas, em espanhol, a estrutura intransitiva não é usada e as estruturas transitiva e com PP complemento têm uso bem restrito. No que diz respeito à variabilidade semântica deste verbo, convém notar que, em português, o verbo pode denotar *movimentar, misturar, tocar e provocar*. Já o verbo *mecer* em espanhol tem significação mais restrita: *balançar*, na maioria dos casos e *enrolar*, na expressão *me andan meciendo*. Esta possibilidade de falta de correspondência semântica entre verbos cognatos e seus significados entre duas línguas proximamente aparentadas nos mostram que dois verbos, indiscutivelmente derivados de uma mesma origem etimológica, podem seguir caminhos distintos em cada língua. Este pequeno levantamento de dados contribui para a hipótese da irrelevância da semântica da raiz, defendida no modelo Exoesquelético sobretudo. Este é outro dado que nos conduziu a optar por este modelo de gramática, em oposição ao da Morfologia Distribuída.

2.2 O par de verbos *bater/batir*

Um dos contextos sintáticos em que este verbo está inserido é o intransitivo, no qual o evento criado recebe leitura de atividade, e o verbo apresenta uma leitura aspectual atética, representada pela falta de um nó aspectual. Vamos analisar algumas sentenças.

- (12) a. Essa porta **bate** sempre
b. *Esa puerta **cierra** siempre del golpe*

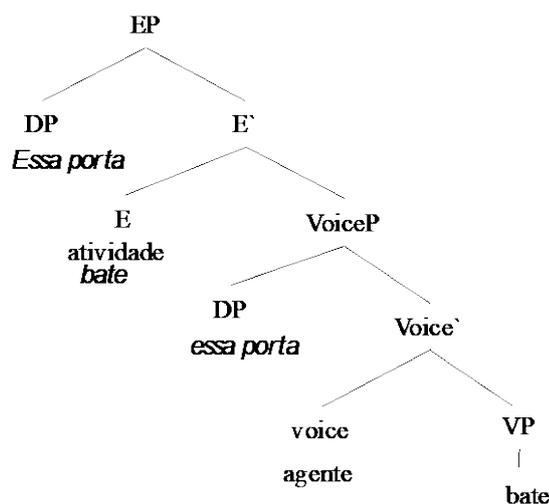


Figura 6: Estrutura intransitiva atética de *bater*

- (13) a. Algum dia todo carro **bate**
 b. *Todos los coches se chocaron*
- (14) a. O coração do bebê **bate** rápido
 b. *El corazón de mi niño late muy rápido*
- (15) a. Nossas contas não **batem**
 b. *Nuestras cuentas no están cuadrando*
- (16) a. Os tambores de guerra **estão batendo**
 b. *Los tambores de guerra están batendo*

Nos exemplos (12) a (16), as sentenças apresentam leituras idiossincrásicas. Em (15), a partir da metáfora de um confronto entre duas contas, a leitura de *conferir* emerge e, em (16), a sentença ganha uma leitura de *mensagem*. Ao comparar com o espanhol, o verbo cognato *batir* é inserido na estrutura intransitiva no mesmo contexto da sentença (16a), e nas demais sentenças, os verbos utilizados para a descrição do evento foram, respectivamente, *cerrar* (*del golpe*), *chocar*, *latir* e *cuadrar*.

Outra estrutura sintática na qual o verbo *bater* está inserido é a estrutura transitiva em que o verbo descreve um evento dinâmico. O DP objeto é lido como passando por mudança de estado, e o DP sujeito é inserido através do nó funcional *Voice*, recebendo papel de agente, conforme a sentença (17), que segue também representada na estrutura arbórea (Figura 7).

- (17) a. Ele **bateu** o ovo
 b. *Él ha batido um huevo*

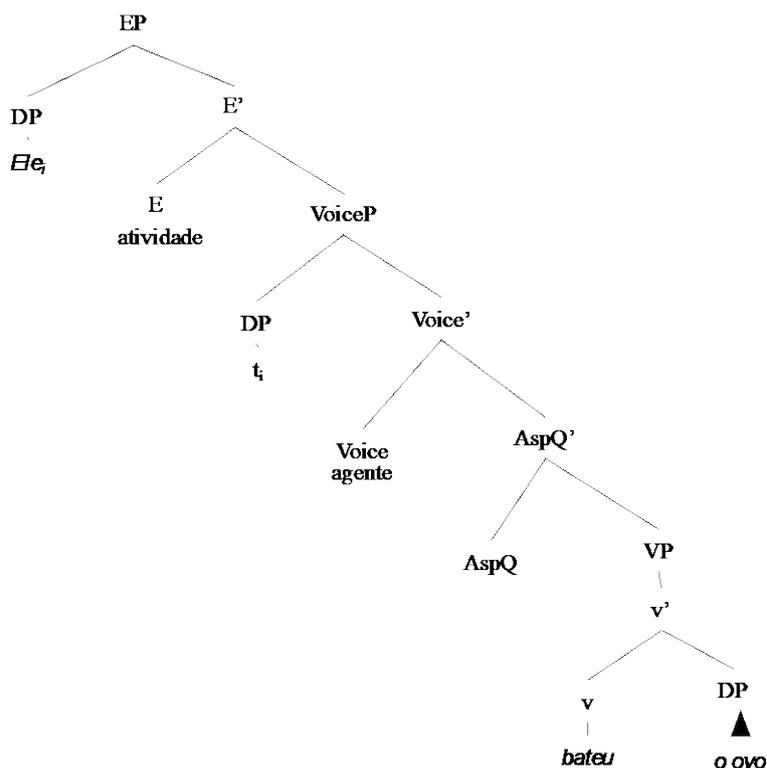


Figura 7: Estrutura transitiva télica de *bater*

Nas sentenças (18) a (22), o verbo *bater* tem correspondências sintático-semânticas com o cognato *batir* em espanhol. Em (18), com o sentido de *procurar*; em (19), *ultrapassar, ir além*; em (20), há o movimento de ir para cima e para baixo das asas. Em (21), *bater* significa *vencer*, mas o evento descrito em português através da estrutura transitiva *Ele bateu o adversário* não é descrito em espanhol com a mesma estrutura, tendo *al contricante* como complemento preposicionado: *Él batió al contricante*. O verbo *bater* em espanhol, entretanto, não pode ter o sentido de *usar muito uma roupa*, como acontece em português, conforme se verifica em (23). Além disso, vemos em (23) que, em espanhol, *bater* não compõe com o Nome *barbilla* (*queixo*) o significando de *tremar, arrepiar-se*, usando-se então o verbo *tiritar*.

- (18) a. **Batemos** toda aquela zona
 b. **Batimos** toda aquella zona
- (19) a. Ele **bateu** o recorde olímpico
 b. **Él batió** el récord olímpico
- (20) a. O pássaro **bate** as asas
 b. **Él pájaro bate** las alas

- (21) a. Ele **bateu** o adversário
b. *Él **batió** al contricante*
- (22) a. Já estou há três semanas **batendo** essa blusa
b. *Estoy hacetres semanas **usando** esa blusa*
- (23) a. Ele estava **batendo** queixo de frio
b. *Él **tiritaba** de frío*

Analisando as estruturas a seguir, vemos que em (24) temos um evento atélico, representado pelo nó aspectual F^{shl}. Nesta sentença, o argumento apresenta o papel temático de [TEMA], pois é gerado em *Spec* do PP. Em 25, o evento da sentença é télico, tendo o nó ASP_Q projetado. Assim como em (24), o argumento da sentença em (25) é gerado em *Spec* de PP e recebe papel temático de [TEMA]. Já em (26), o argumento é [AGENTE], o evento é télico e expressa uma atividade, e o complemento do *v* é um PP.

- (24) a. As ondas do mar **batem** na costa
b. *Las olas del mar **baten** em la costa*
- (25) a. Uma pedra **bateu** no para-brisa do carro
b. *Um ladrillo **se impactó** em el parabrisas del coche*
- (26) a. Anderson Silva **bateu** em Victor Belford
b. *Anderson Silva **golpeó** Victor Belford*

Na sentença em (26), o verbo *bater* denota *dar surra*. Em espanhol, somente a sentença (24) aceita o verbo *batir*. Para descrever o evento em (25) e (26), a língua tem os itens lexicais *impactarse* e *golpear*, respectivamente. É importante notar que, tanto em espanhol quanto em português, os verbos cognatos *bater* e *batir* aparecem nos mesmos contextos sintáticos (intransitivo, transitivo e em construções com PP), mas o aproveitamento semântico dessas estruturas é maior em português, ou seja, o verbo *bater* em português é mais rico semanticamente do que o seu cognato em espanhol.

Vejamos as estruturas arbóreas das sentenças (24) a (26):

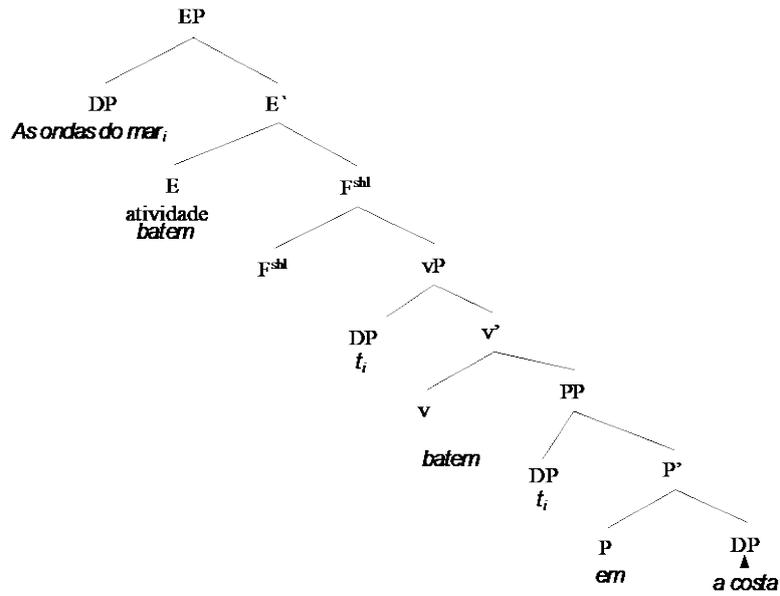


Figura 8: Estrutura com complemento PP atélica de *bater*

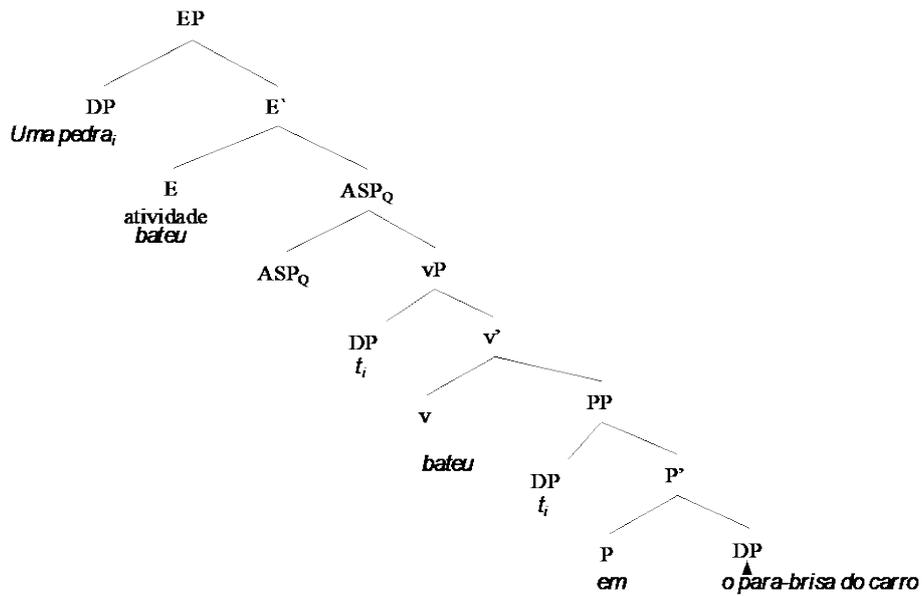


Figura 9: Estrutura com complemento PP télica de *bater*

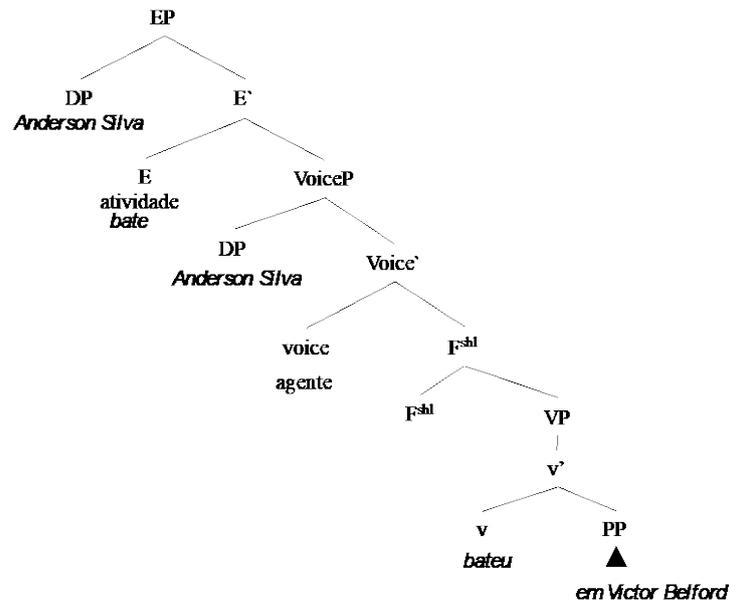


Figura 10: Estrutura argensiva com complemento PP atélica de *bater*

2.3 O par de verbos *chegar/llegar*

Observando as sentenças (27) e (28) e a representação estrutural arbórea de (27) a seguir, que é igual à de (28), podemos notar que tanto português quanto espanhol admitem o verbo *chegar/llegar* em construção intransitiva. Nesta estrutura, o *vezinho* não toma argumento. O evento denota *atividade* instantânea, tendo aspecto télico, representado pelo nó ASP_Q.

- (27) a. O papai **chegou**
 b. *Mi papá llegó*

- (28) a. O verão **chegou**
 b. *El verano llegó*

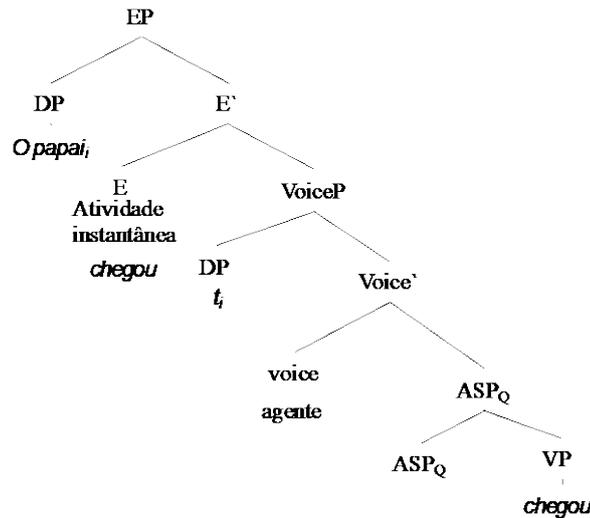


Figura 11: Estrutura intransitiva télica de *chegar*

Em ambas as línguas, o verbo *chegar* não é encontrado em estrutura transitiva. No entanto, este verbo é muito empregado na estrutura em que o VP tem um PP como complemento. Em uma construção assim, a preposição relaciona dois DPs por meio de uma estrutura do tipo $[DP_i[P DP_j]]$, em que o DP_i tem leitura de coisa localizada e o DP_j de lugar, sendo que o DP_i Especificador de PP é alçado para *Spec* de *VoiceP*. A leitura do verbo nesta estrutura será de *movimento no espaço físico*. Vamos passar para as sentenças (29) a (31), que têm representação sintática idêntica, tal como se pode verificar a seguir.

- (29) a. João **chegou** ao/no Brasil em 2001
 b. *Juan **llegó** al Brasil en 2001*

- (30) a. Este ônibus **chega** a/em/até Madri
 b. *Este autobus **llega** a Madrid*

- (31) a. Meu pai **chegou** a/em casa cedo
 b. *Mi padre **llegó** a casa muy temprano*

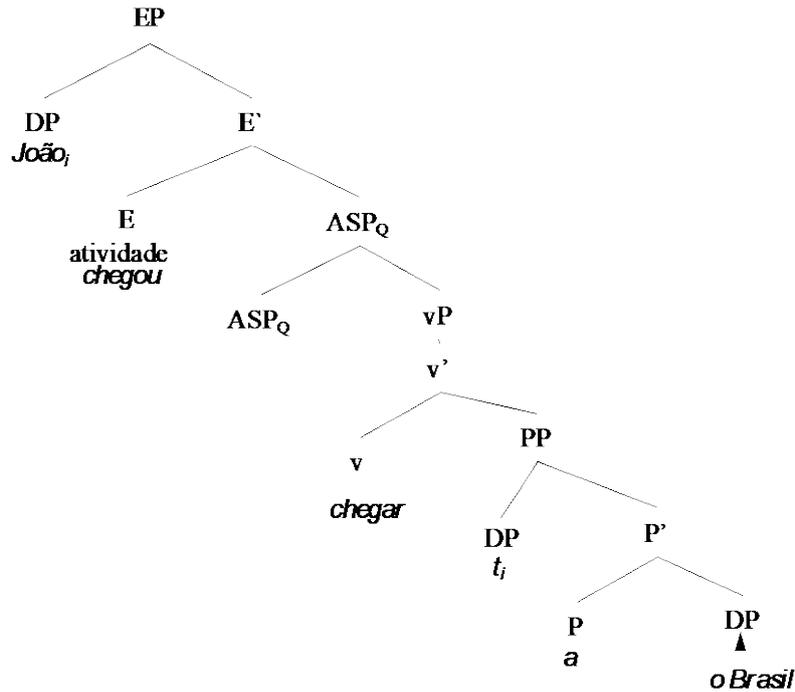


Figura 12: Estrutura com complemento PP télica de *chegar*

Nesta estrutura de (29), se vê que as preposições usadas com o verbo *chegar* são *a*, *até* e *em*. Quando a preposição *a* é o núcleo do PP, algumas alterações semânticas surgem de acordo a semântica de seu complemento. Como se pode ver nas sentenças em (32) e (33), se o complemento da preposição nomear um *status* social, profissional ou acadêmico, visto em (32), a leitura da construção será a de um estágio dentro de uma carreira ou na sociedade o qual constitui um avanço, como em (32). Se o complemento de *chegar a* for um verbo no infinitivo, como em (33), a leitura será a de um *ponto limite* inesperado do evento.

- (32) a. Ele **chegou** a general
 b. *Él llegó a general*

- (33) a. Ele **chegou** a desmaiar
 b. *Él llegó a desmayar*

No contexto gramatical da construção *chegar a*, a posição sintática de complemento é adotada para introduzir um evento pragmaticamente relevante. Vale notar que *chegar a*, a partir de sua semântica regular, abre a possibilidade de seu complemento receber a leitura pragmática de *resultado surpreendente*, tal como em (33).

Outra estrutura possível com o verbo *chegar* é a representada em (34). Esta estrutura se distingue das dos exemplos (32) e (33), pois os Especificadores do vP e do PP não são iguais e o papel temático do sujeito não provém da posição de *Spec* do PP, mas da posição de *Spec* do nó Voice. Neste contexto estrutural, não há correspondência do verbo *chegar* em português com o verbo *llegar* em espanhol, pois em português o verbo *chegar* ganha a leitura de *fazer ir*.

- (34) a. Ele **chegou** a cadeira para trás
 b. *Él echó la silla para atrás*

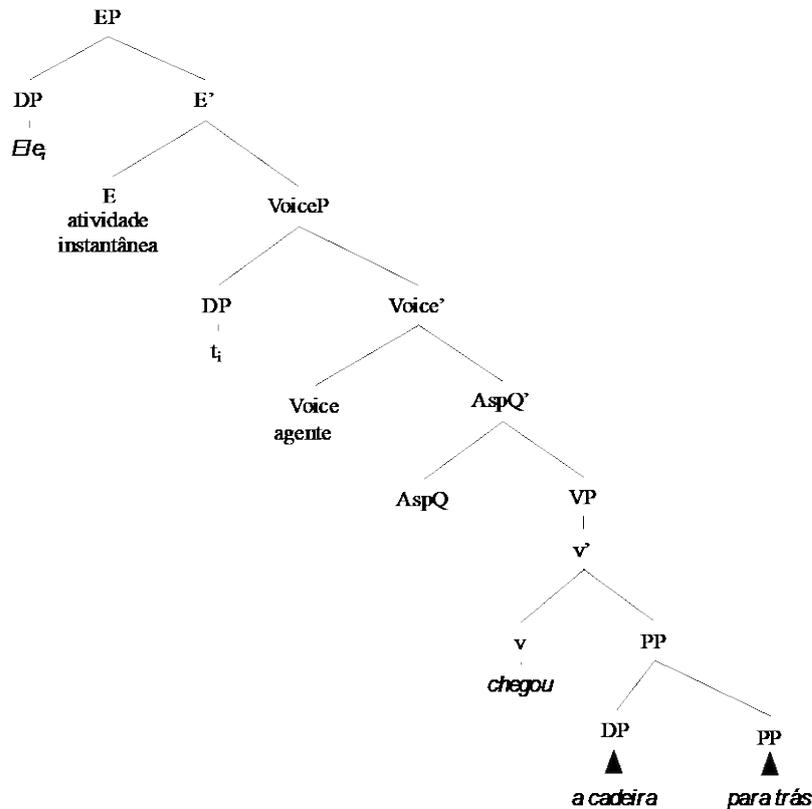


Figura 13: Estrutura agentiva com complemento PP de *chegar*

Outra possibilidade de uso deste verbo é com sujeito impessoal e complemento introduzido pela preposição *de*, conforme representado a seguir:

- (35) a. **Chega** de falar/batata
 b. *Basta de hablar*

Em (35), *Verbo* ou *Nome* que complementa a preposição *de* expressa um pedido de suspensão da ação. Esse uso no português pode ser abreviado para somente o verbo *chegar* (*Chega!*), e neste caso fica implícita no discurso qual a atividade a ser suspensa. Em espanhol, esta construção não é descrita com o verbo *llegar* (*chegar*), mas com *bastar*. Essa construção é um caso curioso de uma idiomatização sintaticamente restrita à sentença matriz, tempo presente e sujeito nulo de 3ª pessoa do singular. Portanto, seria agramatical uma sentença como *Quando o gerente da loja chegou, chegamos de conversar*.

A análise do verbo *chegar* leva à constatação de que há uma grande polissemia para esta forma. O verbo pode denotar: *deslocamento para, mudança de status para, ponto limite de evento e pedido de suspensão da ação*. É interessante notar como em cada contexto sintático pode eclodir um significado diferente, o que sustenta a proposta apresentada pela teoria exoesquelética de que é possível uma mesma forma verbal, segundo o contexto sintático, variar o seu significado. Ao confrontar com o espanhol, encontramos grande correspondência semântica entre *chegar* e *llegar* nas estruturas estudadas, excetuando o apresentado em (34) e (35).

Como pudemos ver, o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode podem originar estruturas específicas. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo polissêmico precisa estar em uma construção eventiva (atividade, atividade instantânea, estado, mudança, causa). Além disso, o tipo de sujeito é restrito, trazendo importantes contribuições para o significado da estrutura argumental. Os nós funcionais *VoiceP*, *CauserP* ou *ExpP* selecionam o tipo de sujeito que será incorporado à estrutura.

O modelo Exoesquelético de Gramática Gerativa parece ter ferramentas melhores e mais econômicas para lidar com dados de polissemia de línguas. É possível analisar de forma coerente, também por meio das representações com árvores. A teoria projecionista é pouco econômica ao dar estatuto central para a semântica com a teoria dos papéis temáticos. Quanto às teorias construcionistas em geral, estas parecem lidar melhor com a polissemia, ao extrair da sintaxe e da morfologia a possibilidade exaustiva de geração de componentes da gramática. Entre os modelos da Morfologia Distribuída e o da Exoesquelética, a segunda opção mostra-se eficaz ao dar possibilidade de separar as categorias de verbos através do armazenamento de estruturas de templates de evento adotados como estruturas típicas. Deste modo, além de economizarmos na quantidade de entradas lexicais, ainda é possível diminuir o número de

ajustes pós-sintáticos, como *type-shiftings*, pois estariam resolvidos antecipadamente na sintaxe.

Por fim, é importante notar que a *antecipação* das classes da *Aktionsart* para a sintaxe não é meramente uma troca desproposital de posições da semântica para a sintaxe. O principal objetivo é restringir as possibilidades de significados. Além disso, os dados das línguas confirmam que uma palavra não pode significar qualquer coisa, embora sua capacidade de reanálise e idiomatizações seja grande.

3. Considerações finais

A observação destes três pares de verbos cognatos em português e espanhol (*mexer-mecer*; *bater-batir e chegar-llegar*) nos fez considerar que, do ponto de vista morfológico/sintático, eles se assemelham, pois o que predomina é que todos aparecem em todas as estruturas sintáticas verificadas na análise, à exceção de *mecer*, sem construção intransitiva, e de *chegar e llegar*, que não possuem a estrutura [V DP]. Quanto aos aproveitamentos semânticos particulares de cada um dos contextos sintáticos, as divergências entre as duas línguas se dão segundo certas subdivisões semânticas que cada verbo apresenta dentro das estruturas sintáticas estudadas. Na medida em que essas estruturas em que o verbo está inserido se distinguem, os conceitos vinculados a ele podem ser modificados, confirmando a hipótese da teoria exoesquelética de que a apropriação de conceitos novos a um vocábulo é dependente da estrutura sintática.

Para resumir, este confronto entre as duas línguas nos permite notar o êxito da abordagem exoesquelética na compreensão de que microcontextos sintáticos podem arcar com diferenças de uso de verbos cognatos. Este achado corrobora ainda a hipótese de que a raiz não apresenta conteúdo semântico intrínseco, mas que o significado dos verbos surge a partir da sua interação na estrutura argumental.

Considerando a confirmação empírica das hipóteses propostas, podemos explicar, por exemplo, dados etimológicos de mudança de significado de verbos do latim para línguas românicas sem termos a necessidade de reformular dados morfológicos. Neste sentido, o fato de que um verbo como *aggregare*, do latim, possuía o significado de *grex* (rebanho) em sua estrutura e de que, em português, este dado nominal não é consciente para os falantes vem a ser

resultado apenas da inserção do item lexical na estrutura sintática, que é uma das responsáveis pela formação do significado em cada sistema linguístico.

Referências

AQUINO, R.N.M. *Encontros e desencontros semânticos em palavras cognatas nas línguas portuguesa e espanhola*. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AQUINO, R.N.M, PEDERNEIRA, I.L, LEMLE, M. A relação raiz e estrutura sintática na semântica da formação de palavras no português brasileiro e espanhol. *Revista da ANPOLL*. Vol.1 Num.45, 2018

BORER, Hagit. Exo-skeletal vs. Endo-skeletal Explanations: Syntactic Projections and the Lexicon, in. M. Polinsky and J. Moore (eds.) *The Nature of Explanation*. Chicago: Chicago University Press (distributed by CSLI). 2003a.

_____. The Grammar Machine, in A. Alexiadou, E. Anagnostopoulou and M. Everaert, eds. *The Unaccusative Puzzle*, Oxford University Press. 2003b.

_____. *Structuring Sense Volume I: In Name Only*. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005a.

_____. *Structuring sense Volume II: The normal course of events*. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005b. 417 p.

_____. Derived nominals and the domain of content. *Lingua* p. 1–33 , 2013a.

_____. *Structuring Sense Volume III: Taking Form*. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2013b. 704 p.

_____. *Syntax and Morphology: An Overview*. p. 1–61 , 1996.

DUARTE, I.; GONÇALVES, A.; MIGUEL, M.; MENDES, A.; HENDRICKX, I.; OLIVEIRA, F.; CUNHA, L. F.; SILVA, F.; SILVANO, P. Light verbs features in European Portuguese. *Proceesings of Verb 2010 – The identification and Represatation of Verb Features*, Pisa 4-5, Università di Pisa, 2010, p. 27-31.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Distributed Morphology and the Syntax-Morphology Interface. *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. [S.l: s.n.], 2012.

FOLLI, Rafaela; HARLEY, Heidi. Flavors of v: consuming results in Italian and English. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (eds.), *Aspectual Inquiries*. Dordrecht: Kluwer, 2004; p. 95-120.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. *MIT Working Papers in Linguistics*. [S.l: s.n.], 1992.

_____. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In K. Hale and S. J. Keyser (eds) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. 111-176, Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Distributed Morphology. *GLOT 4.4* n. April, p. 3–9 , 1999.

HARLEY, Heidi. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, 40(3-4), 225-276, 2014.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon, in A. Dimitriadis, L. Siegel et al., eds. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, p. 201-225, 1997.

PEDERNEIRA, I.L. *Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental*. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

_____. Implicações teóricas dos verbos leves para o estudo de estrutura argumental. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos Veredas temática*. p. 160-182 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora, 2016

KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: Rooryck, J., Zaring, L. (Eds.), *Phrase Structure and the Lexicon*. Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, p. 109-137, 1996.